

**ESTADO E ECONOMIA DURANTE
A REVOLUÇÃO FRANCESA:
o conjunto das reivindicações econômicas
e sociais de Hébert/Père Duchesne**

JOSEMAR MACHADO DE OLIVEIRA

SE, EM OUTROS ASPECTOS DA CRISE DO ANTIGO REGIME, os diversos setores do Terceiro Estado poderiam encontrar um ponto de confluência, nas questões econômicas e sociais existia em seu interior claras diferenças. Como salienta Ernest Labrousse, “se o advento nacional radicaliza e coliga as forças revolucionárias, o advento social radicaliza-as, mas divide-as”¹. Por um lado, a burguesia constituinte, os *feuillants* e os girondinos tentaram afirmar um projeto baseado no que mais tarde veio a ser chamado de liberalismo econômico, herdeiros que eram do pensamento dos fisiocratas, ao mesmo tempo que leitores vorazes de Adam Smith². Por outro lado, os setores populares, adentrando a arena política no momento da explosão da revolução popular, defenderam um programa social ancorado na defesa do igualitarismo social.

O igualitarismo social dos *sans-culottes*, o esteio do projeto que esse grupo social contrapôs ao liberalismo dos setores burgueses, era baseado na experiência de vida que possuíam, profundamente enfronhada na tradição do Antigo Regime. É nesse aspecto que o *sans-culottismo* possui um caráter passadista. A forma como a *sans-culotterie* almejou a institucionalização desse programa

.....

1. LABROUSSE, Ernest. O século XVIII. In: CROUZET, Maurice. *História geral das civilizações*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961. Tomo V, Volume, II, pg. 85.

2. HOBBSAWN, Erich J. *Ecos da Marselhesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. Pg. 27-28.

social passa por aquilo que Higonnet chama de “sua recusa de qualquer modernização da ordem econômica”³, ou, dizendo com outras palavras, passa por sua oposição em aceitar que a liberdade de empreendimentos pudesse resolver a questão das subsistências e que a não-interferência nos assuntos da economia bastaria para garantir o direito ao trabalho e outros. A prática da *sans-culotterie* desemboca, portanto, naquilo que alguns historiadores chamam de economia dirigida.

Assim, vemos que determinadas diferenciações de programas dentro do processo da Revolução não escaparam a certas clivagens sociais. É importante ressaltar a consciência que tiveram disso os próprios militantes seccionários. Para esses militantes, havia a consciência, mesmo que incipiente, de uma passagem do conflito burguês-nobre — na formulação estabelecida no processo mesmo da Revolução, cujo exemplo mais recuado foi o de Sieyès — para o conflito *sans-culotte*/burguês, que explode a partir do ano I.

Às vésperas da insurreição do 31 de Maio, as reivindicações sociais da *sans-culotterie* se afirmam cada vez mais a partir do conflito entre os que defendem a Revolução e os que estão do lado da contra-revolução, aí agora inclusos os girondinos. Portanto, a partir de junho de 1793, também os setores do topo do *ci-devant* Terceiro Estado são vistos como inimigos da Revolução. Esse processo é uma evolução do conflito básico da Revolução: nobre/burguês. Higonnet⁴ corretamente afirma que os *sans-culottes* tinham na nobreza o seu oposto social. Porém, podemos acrescentar que, a partir de 1793, o *malaise* social empurra a *sans-culotterie* a superar a dicotomia nobre/burguês, substituindo-a, como que antecipando-se ao futuro conflito operário/burguês, pela dicotomia *sans-culottes*/ricos⁵.

Hébert pinta com todas as tintas esse conflito no Père Duchesne. Tal conflito está na raiz do conjunto de idéias sociais veiculadas pelo Père Duchesne, caracterizado, basicamente, por uma clara defesa da “democratização da

3. Cf. supra, pg. 48.

4. HIGONNET, Patrice. Op. cit., pg. 413.

5. À falta de uma palavra que possua uma precisão irretocável, uso a palavra (ricos), de que o próprio Hébert se utilizava para designar aqueles que eram o seu alvo preferido entre 1792-94, ou seja, os financistas, grandes comerciantes, proprietários de terra, etc., e que identifica a mesma realidade social que a expressão burguesia do Antigo Regime (Régine Robin) e de classe média (Hobsbawn) ou não-nobres (Colin Lucas). Ver: HOBBSAWN, Erich J. *Ecos da Marselhesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. Pg. 24 e FURET, François. *Pensando a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, pg. 134.

propriedade” (“Jamais, foutre, nous ne serons libres tant qu’il existera en France des fortunes de fermier général [...]”⁶), típica da *sans-culotterie*. Portanto, é a repercussão do conflito entre os *sans-culottes* e os setores abastados da burguesia que aparece com a radicalização provocada pelo “advento social”, que vamos encontrar no Père Duchesne. É nesse conflito que podemos observar alguns elementos que nos permitem identificar o esboço de um programa social em Hébert.

Esse conflito se manifesta no Père Duchesne através da identificação dos setores do topo do *ci-devant* Terceiro Estado à contra-revolução e ao inimigo de sempre, a aristocracia: “Il n’y a pas, foutre, d’aristocrates plus puants et plus dangereux, que ce qu’on appelloit la bourgeoisie renforcée. Ces gros boutiquiers, entrepreneurs, manufacturiers [...]”⁷. A esse respeito, Hébert não podia ser mais claro.

Segundo Hébert, esses grupos desejavam destruir a Revolução através da disseminação da fome, daí que a forma mais característica que assumia a contra-revolução no panfleto periódico de Hébert era a do açambarcador, o agente da contra-revolução, um dos inimigos que Hébert diz temer mais que os inimigos estrangeiros (“Nous avons dans l’intérieur des ennemis mille fois plus redoutables [...]”⁸). Tal conflito é vazado na verve típica do *grand marchand de fourneaux*, em tons que lembram a palavra de ordem: “Les riches ne songent qu’à leur intérêt; la république n’a pas des plus grands ennemis qu’eux; ils détestent la Révolution [...]” e “presque tous les riches sont aristocrates, tous les gros marchands sont des voleurs”.⁹ E, no momento em que a execução do rei parecia ter dado um novo fôlego à Convenção girondina, ele apontava, a esta última, a maneira como ela poderia restabelecer sua honra: “elle doit chasser les accapareurs, empêcher tous le tripotage des banquiers et des gros

6. Le Père Duchesne. N° 198, pg. 5. (“Nunca, porra, nós seremos livres enquanto existirem na França fortunas de fermier général [*arrendatário geral*]”).

7. Le Père Duchesne. N° 236, pg. 2. (“Não há, porra, aristocratas mais infectos e perigosos, que o que se chama de burguesia estabelecida. Esses grandes comerciantes, negociantes, manufatureiros...”).

8. Le Père Duchesne. N° 273, pg. 5-6. (“Nós temos no interior inimigos mil vezes mais perigosos [...]”)

9. Le Père Duchesne. N° 273, pg. 4 e N° 322, pg. 4. (“Os ricos só pensam em seu interesse; a república não tem maiores inimigos que eles; eles detestam a Revolução [...]” “quase todos os ricos são aristocratas, todos os grandes comerciantes são ladrões.”)

boutiquiers [...]”¹⁰. Os três fragmentos citados são de diferentes momentos e servem para demonstrar que a “ambição” de Hébert era persistente: o primeiro é do verão (17 de agosto de 1793), o segundo é do ano II (14 de dezembro de 1793) e o último fragmento é de dias depois da execução do rei (23 de janeiro de 1793). Vemos, assim, Hébert fazer derivar da crise política mais geral suas preocupações em matéria social e econômica. Nele, a “questão das subsistências” só faz sentido no contexto mais geral da política revolucionária.

O Père Duchesne acompanha, assim, o movimento progressivo que leva a *sans-culotterie* a identificar a contra-revolução, a princípio, com os aristocratas e padres refratários e depois também com aqueles que detinham os postos-chaves na economia: negociantes e comerciantes, na cidade, e os grandes proprietários, no campo. Numa palavra, com todos os que, genericamente, podiam ser chamados de ricos. O Père Duchesne ataca indiferentemente a estes últimos, ele dá “seus bons conselhos” “[...] à la Convention pour qu’elle ôte l’autorité aux riches [...]”, os quais, segundo ele, apertam “[...] plus que jamais, les cordons de leurs bourses [*e fazem*] du pis qu’ils peuvent pour ramener l’ancien régime”.¹¹ Mais uma vez, podemos notar a progressão e a continuidade das críticas ao longo do tempo, realizadas pelo panfleto. Os fragmentos de texto selecionados são de números que saíram respectivamente no dia 1º de setembro e 19 de outubro de 1793¹². Assim, o Père Duchesne realiza uma clara diferenciação social: de um lado, os *gros boutiquiers*, do outro, os *petits*.

O “complô da fome”, a questão das subsistências, leva o panfleto de Hébert a passar de um combate cujo cerne é a luta contra os *accapareurs*, a uma luta generalizada contra o topo do antigo Terceiro Estado, movimento progressivo que podemos acompanhar à medida que avançam os números do seu panfleto. No processar-se desse combate, vemos, em Hébert, a ultrapassagem da dicotomia habitual aos revolucionários no momento do “advento nacional” — nação que,

10. Le Père Duchesne. Nº 213, pg. 7. (“ela deve eliminar os açambarcadores, impedir todas as negociatas dos banqueiros e grandes comerciantes [...]”)

11. Le Père Duchesne. Nº 279, pg. 1 e Nº 300, pg. 2. (“[...] à Convenção para que ela retire a autoridade dos ricos [...]”) (“[...] mais do que nunca, os cordões de suas bolsas [*e fazem*] o pior que eles podem para trazer de volta o antigo regime.”)

12. Datação estabelecida por: GUILHAUMOU, Jacques. *Dater le Père Duchesne d’Hébert (juillet 1793-mars 1794)*. Paris, Annales historiques de la Révolution Française, pp.67-75, 1996.

para Hébert, é claramente identificada aos *sans-culottes*.¹³ A dicotomia nobre/burguês é substituída pela dicotomia que caracteriza o momento do “advento social”, *sans-culottes/ricos*.

Isso se pode perceber pela mudança no estilo combatente de Hébert. Durante todo o percurso do panfleto são notórios os ataques ao facciosismo, ao federalismo e ao partidarismo, aqueles que o Père Duchesne chama de inimigos internos. Essas expressões condenatórias serviam para distinguir os que estavam do lado da Revolução dos setores contra-revolucionários. Tais expressões — tão habituais a todos os grupos que tiveram um papel relevante durante a Revolução, aí inclusive os próprios montanheses, que também se utilizaram largamente dessas expressões condenatórias, inclusive contra Hébert — estabelecem clivagens a partir de uma concepção filosófica e moral, e não social.

Hébert, porém, modifica a tipologia dos conflitos que estiveram por trás do processo da Revolução, à medida que, em seu panfleto, o conflito social, o conflito de “classes”, assume uma dimensão fundamental. Nele se estabelece um contraste explícito entre os que traem a Revolução, “hommes de lois”, “accapareurs”, e os que a defendem, “pères de familles”, “des bons artisans”, “des ouvriers”, ou seja, “les deux espèces d’homme qui sont en guerre maintenant”¹⁴. A consciência do conflito social adquire contornos mais precisos ainda à medida que os contendores de ambos os lados vão se precisando no panfleto. A linguagem vaga das expressões “hommes de lois” e “pères de familles” é substituída por “artesãos laboriosos” da *sans-culotterie*, donos de todo patriotismo e virtude, e por burgueses (*des financiers, des marchands, des banqueroutiers, des accapareurs, des banquiers*) sanguessugas da *sans-culotterie*. A compreensão e a decisão política de trazer os conflitos sociais para a sua atividade de panfletário permite, pelo menos em parte, a Hébert deixar para trás, no que tange ao ideário socioeconômico, o pensamento típico dos elementos do Terceiro Estado, até mesmo em relação aos setores jacobinistas mais radicais. A partir de então, passava a se localizar no interior do pensamento socioeconômico do Quarto Estado.

Esse processo leva Hébert, inclusive, a identificar a nação exclusivamente aos *sans-culottes*¹⁵, pois, segundo ele, a nação é sinônimo de igualdade e

13. Cf. mais acima, pg. 77.

14. Le Père Duchesne. Nº 288, pg. 4-5. (“as duas espécies de homem que estão em guerra agora.”)

15. Le Père Duchesne. Nº 283, pg. 1-2.

liberdade, divisas que só são defendidas pela *sans-culotterie*. Como os ricos não lutam por essas divisas, eles não fazem parte da nação. Daí a utilização por Hébert do neologismo *sans-culottizer*¹⁶, como forma de balizar quem está favorável ou contra a Revolução. Os montanhesees devem ter o apoio dos militantes revolucionários por que são bravos *sans-culottes*. Essa concepção é enunciada já no número 159, antes mesmo do 10 de Agosto e de qualquer luta por espaço na imprensa revolucionária.

Assim, as idéias sociais de Hébert ancoram-se nesse processo de confrontação *sans-culotte*/burguês, que penetrou, pelo menos em parte, a fase da revolução popular no ano I e no ano II e faz derivar daí, acompanhando nisso os setores populares, as suas idéias sobre o bom funcionamento da sociedade. Por trás da argumentação socioeconômica de Hébert/Père Duchesne, aparece como um elemento assente, como não poderia deixar de ser pelo exposto acima, a idéia de que as forças sociais devem e podem moldar o social e o econômico de acordo com os seus interesses e de que, em matéria econômica e social, não cabe esperar por uma suposta “mão invisível”, que se incubiria de conduzir o mercado sempre a bom termo. O discurso socioeconômico do Père Duchesne parece ter atingido uma dimensão radical da noção de “imputação ao político”, pois esta, levada às últimas conseqüências, encara como natural a defesa do dirigismo econômico.

Não foi à toa que ele recebeu dos setores políticos de direita a pecha de anarquista. Essa era a forma como os girondinos¹⁷ classificavam os que defendiam o dirigismo econômico. Portanto, nesse processo de construção do ideário revolucionário *sans-culotte*, no qual Hébert está inserido, a “realidade econômica” estava subsumida à política, sendo que aí a regulamentação pelo Estado das atividades econômicas tinha um papel fundamental. É esta a interpretação de Mathiez:

No domínio das subsistências, a vitória de Hébert quer dizer que se recorrerá cada vez mais à coerção e a repressão para fazer sair o trigo dos silos e manter, pela taxa, uma proporção igual entre o preço dos alimentos e o curso do assignat. Ela

16. Cf. supra, pg. 77.

17. Cf. as análises de Roger Barny sobre a teoria social dos montanhesees e girondinos, e como estes últimos viam a questão do dirigismo. BARNY, Roger. *Rousseau dans la Révolution*. Paris, XVIIIème siècle, pp.59-98, 1974. Pg. 87.

quer dizer também que a nova política econômica e social que se inaugura é uma política estatista colocada a serviço da classe dos deserdados.¹⁸

Esse processo está bem representado pela reivindicação e conquista pelo movimento popular do máximo geral dos preços, obtido justamente nas jornadas de setembro de 1793, que, se não foram uma “poussée hébertiste”, ao menos foram largamente influenciadas por Hébert.

Em Hébert, a noção de “imputar ao político” as questões socioeconômicas tem o tom do peculiar. Há um problema de escassez provocado por razões climáticas ou de organização do abastecimento? Segundo o Père Duchesne, não. O que há é o complô dos contra-revolucionários de todos os matizes. Portanto, a solução é usar o canhão e a “guilhotina ambulante” (“La guillotine ambulante nous ouvrira tous les greniers”¹⁹), como forma de garantir o abastecimento público e a sobrevivência dos mais pobres diante do demônio de todos os demônios numa época de escassez: o *accapareur*.

E, invertendo o que diz Gérard Walter²⁰, mas sem mudar o sentido, quem diz açambarcador diz rico, ou aqueles que acreditam que

[...] avec l’argent, foutre, on vient à bout de tout, on ouvre toutes les portes; avec l’argent, on fait la pluie et le beau temps; [...] avec l’argent, on fait voir que ce qui est blanc est noir; avec l’argent, le plus grand voleur de l’univers passe pour le plus honnête homme; avec l’argent, on met les citoyens à chien et à chat, on mitonne des contre-révolutions [...]²¹

18. MATHIEZ, Albert. *La vie chère et le mouvement social sous la Terreur*. Paris, Payot, 1927. Pg. 338. (“Dans le domaine des subsistances, la victoire d’Hébert veut dire qu’on recourra de plus en plus à la contrainte et à la répression pour faire sortir le blé des greniers et pour maintenir, par la taxe, une proportion équitable entre le prix des denrées et le cours de l’assignat. Elle veut dire aussi que la nouvelle politique économique et sociale qu’on inaugure est une politique étatique mise au service de la classe des déshérités.”)

19. Le Père Duchesne. Nº 282, pg. 6. (“A guilhotina ambulante nos abrirá todos os silos”)

20. A frase de Gérard Walter é a seguinte: “Qui dit riche, dit accapareur.” Cf. WALTER, Gérard. *Opus cit.*, pg. 290.

21. Le Père Duchesne. Nº 312, pg. 2. (“[...] com o dinheiro, porra, se resolve tudo, abrem-se todas as portas; com o dinheiro, faz-se figura de manda-chuva; [...] com o dinheiro, o branco vira preto; com o dinheiro, o maior ladrão do universo passa pelo mais honesto homem; com o dinheiro, faz-se os cidadãos viverem como cão e gato, preparam-se contra-revoluções [...].”)

Contra o “quibus”²² dos contra-revolucionários, os *sans-culottes* possuem a “vertu de sainte guillotine”. Assim,

[...] avec la guillotine, nous faisons mettre le pouces aux accapareurs; avec la guillotine, nous ferons sortir des caves tout notre numéraire que les agioteurs y ont enterré; [...] avec la guillotine, nous forcerons les riches de vider leurs coffres; avec la guillotine, ça ira, foutre, et la république triomphera [...]”²³

Contra os “avec l’argent” os “avec la guillotine”. Contra o poder do dinheiro, o poder do Terror. Esta é a natureza do terrorismo social do Père Duchesne.

À medida que o Estado é chamado a representar um papel decisivo nas relações econômicas, ele pode e deve se utilizar de instrumentos que lhe são próprios para solucionar os problemas mais prementes que a população pobre enfrenta. Nesse sentido, é fundamental no discurso econômico-social do Père Duchesne a defesa explícita da utilização do exército revolucionário e do “rasoir national” (expressão usada sob o Terror para designar a guilhotina e que o Père Duchesne vulgariza), como forma de ameaçar aqueles que, em sua visão, teimam em produzir as dificuldades econômicas. Para Hébert, esse era um dos significados de se colocar o Terror na ordem do dia. Seu dirigismo econômico assume a dimensão terrorista. Este se contrapunha, logicamente, àqueles que defendiam a liberdade de empreendimentos. A estes últimos, que “[...] pronunciam belos discursos, de inspiração liberal, sobre as subsistências [...]”²⁴, Hébert contrapunha sua cólera: “la guillotine et du pain, voilà le secret de la république, foutre”²⁵.

Podemos ver, pelo exposto acima, de onde Mathiez extraiu o aforismo “La guillotine était pour Hébert l’alpha et l’oméga de sa politique”, com que

22. Dinheiro, no léxico do Père Duchesne.

23. Idem. Nº 312, pg. 2-3. (“[...] com a guilhotina, nós faremos com que os açambarcadores cessem de resistir; com a guilhotina, nós faremos sair dos porões todo o nosso numerário que os agiotes aí enterraram; [...] com a guilhotina, nos forçaremos os ricos a esvaziar seus cofres; com a guilhotina, iremos avante, porra, e a república triunfará [...]”.)

24. LABROUSSE, Ernest. O século XVIII. In: CROUZET, Maurice. *História geral das civilizações*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961. Tomo V, Volume II, pg. 84.

25. Le Père Duchesne. Nº 302, pg. 8. (“a guilhotina e o pão, aí está o segredo da república, porra.”)

classificava o programa social de Hébert. Porém, devemos ter cuidado para não interpretarmos tais palavras à maneira daquele historiador. Como salienta Gérard Walter²⁶, Mathiez não se dava conta de outros elementos do discurso político-social de Hébert. A dinâmica do discurso econômico-social do Père Duchesne irá num crescendo em que ele tentará dar respostas mais complexas aos problemas sociais de sua clientela de leitores que a simples política do medo à guilhotina, ainda mais se levarmos em consideração que não é despropositado transferir para Hébert a análise que Coquard faz do estilo de Marat. Segundo este historiador, o Amigo do Povo considerava que o jornalismo político e popular possuía uma natureza específica frente a outros jornalisimos, já que aquele, que era o seu, precisava empolgar a imaginação popular. Para tanto, era necessário mobilizar o povo excitando sua imaginação, sua simpatia, seu horror. Marat afirmava, segundo Coquard, não se dirigir “[...] ao público de forma racional, pois o povo não reage à razão”²⁷. No Père Duchesne de Hébert, a vontade de excitar a imaginação popular encontra-se naquilo que os Goncourt²⁸ chamavam de “o aspecto primeiro do Père Duchesne”, no seu estilo “grivois”, os seus *bougres* e *foutres* — características de uma linguagem contrária àquilo que o próprio Hébert apontava como “civilité puérile et honnête”²⁹ — e também na sua linguagem terrorista. Uma diferença visível entre o “terrorismo” do Amigo do Povo e o do Père Duchesne é que Marat, o homem das luzes, o cientista, choca ao precisar o número de pessoas a serem executadas. Já Hébert “brinca” com a imaginação popular, vulgarizando expressões espirituosas sobre a execução pela guilhotina, como “mettre la tête a la fenêtre”, “rasoir national”. Porém, ambos alcançam o mesmo efeito, qual seja, excitar a imaginação popular.

Assim, é possível também transferir a mesma ressalva dos Goncourt em relação ao estilo “grivois” do Père Duchesne, ressalva essa que recomendava não se deixar “tromper à l’aspect premier de ces journaux, à ces b..., à ces f...”, para a sua linguagem terrorista. É somente além dela que podemos ver, no Père Duchesne, algo mais elaborado do ponto de vista social e econômico, bem como os traços, no sentido lato da expressão, de um programa político.

26. Ver supra, pg. 105.

27. COQUARD, Olivier. *Marat, o amigo do povo*. São Paulo, Scritta, 1996, pg. 288.

28. Cf. citação acima, pg.71.

29. Le Père Duchesne. Nº 276, pg. 6. (“civildade pueril e honesta”)

O lado social e econômico desse programa político possui uma dinâmica submetida ao processo revolucionário. Dessa forma, a defesa da idéia de liberdade de comércio, pregada nos primeiros tempos, será substituída por uma política que reivindica cada vez mais a intervenção estatal. No auge da campanha contra o desabastecimento, no verão de 1793, o Père Duchesne nega que seja contra o comércio: “Qu’on ne dise pas, foutre, en parlant de la sorte que je suis un buveur de sang; qu’on ne croie pas que je méprise le commerce”³⁰. Todavia, no mesmo número, ele define como devem ser os bons comerciantes patriotas, valorizando traços tradicionais típicos das relações de pessoa a pessoa característicos das formas corporativas de produção, como a figura dos negociantes “[...] qui étoient les pères de leurs ouvriers”, que além de tudo se “[...] contentoient d’un gain modique [...]”³¹. Mas o Père Duchesne, que não era ingênuo, afirmava que esses comerciantes eram raros.

Já que comerciantes desse tipo são raros, nada deve impedir que o Estado exerça um controle rigoroso da atividade comercial, em profundo contraste com a política econômica baseada na liberdade de empreendimentos e na não-interferência estatal nos assuntos econômicos. Assim é que, no número 195 do Père Duchesne, ele elabora uma nítida crítica às teses livre-cambistas dos girondinos e, em certo sentido, também em relação às dos montanheses. Nesse ponto, Hébert ultrapassou, principalmente nos últimos meses do seu panfleto, as idéias econômicas contidas no jacobinismo. No número citado, ele diz: “sous le beau semblant de la liberté du commerce, toutes les farines ont disparu, et après un tour de mer, [...] on nous rapporte à grand frais, [...] le prix [...] doublé ou triplé [...]”³². Entra ainda mais em incompatibilidade com os jacobinos, quando o seu panfleto publica metáforas do tipo: “Un marchand est une bête feroce que veut tout dévorer [...]”³³.

30. Le Père Duchesne. N° 279, pg. 6. (“Que não se diga que, porra, falando da sorte que eu seja um bebedor de sangue; que não se creia que eu despreze o comércio.”)

31. Le Père Duchesne. N° 279, pg. 6. ([...] que eram os pais de seus trabalhadores.” “[...] contentavam com um ganho módico [...].”)

32. Le Père Duchesne. N° 195, pg. 5. (“sob o belo semblante da liberdade de comércio, todas as farinhas desapareceram, e depois de uma volta pelo mar, [...] no-las trazem a grandes custos, [...] o preço [...] dobrado ou triplicado[...].”)

33. Le Père Duchesne. N° 296, 3. (“Um comerciante é uma besta feroz que quer tudo devorar [...].”)

O comércio de exportação também foi alvo das preocupações de Hébert, dominado pelas cidades onde os focos da contra-revolução eram mais evidentes. Albert Mathiez cita uma série de medidas tomadas pelo Comitê de Salvação Pública, logo após a execução de Hébert e seus companheiros. Basicamente são medidas que visavam a reanimar o comércio de exportação de produtos como café, *eau-de-vie* (aguardente), açúcar e vinho. A esse respeito, salienta Mathiez: “Todas essas decisões repetidas não teriam podido ser tomadas, se o Hébertismo não tivesse sido abatido. O Comitê não se teria arriscado a provocar uma insurreição dos Faubourgs”³⁴. Isso comprova, de um lado, a influência política de Hébert nesse momento da Revolução e, de outro, a comunhão entre as teses de Hébert em matéria econômica e social e as da *sans-culotterie*.

Um fato fundamental para as relações de Hébert com a *sans-culotterie* é que, no inverno de 1793-94, seu comprometimento com a radicalização da Revolução o leva a atacar até mesmo setores desta última, no caso, os pequenos comerciantes. No número 345 ele afirma: “Je n'épargnerai pas plus le marchand de carottes que les plus gros négociant, car, foutez, je vois une ligue formée de tous ceux qui vendent contre ceux qui achètent, et je trouve autant de mauvaise foi dans les échoppes que dans les gros magasins”³⁵. Assim, a defesa da Revolução levava Hébert a posições cada vez mais radicais em matéria econômica.

Quanto à polêmica questão da propriedade, Gérard Walter salienta que

[...] a solução preconizada por Hébert supõe o divisão dos grandes domínios em benefício dos pequenos proprietários rurais. Seu ideal teria sido de ver o solo francês dividido em uma multidão de pequenos proprietários e cada cidadão proprietário de seu pequeno terreno seria livre para explorá-lo como melhor lhe parecesse.³⁶

34. MATHIEZ, Albert. *La vie chère et le mouvement social sous la Terreur*. Paris, Payot, 1927. Pp. 566-567.

35. Le Père Duchesne. Nº 345, pg. 2. (“Eu não pouparei nem o quitandeiro nem o grande comerciante, pois, porra, eu vejo uma liga formada de todos aqueles que vendem contra todos aqueles que compram, e eu encontro tanta má fé nas quitandas quanto nas grandas vendas.”)

36. WALTER, Gérard. Opus cit. Pg. 316-317. (“[...] la solution préconisée par Hébert suppose le morcellement des gros domaines au profit de petits propriétaires ruraux. Son idéal aurait été de voir le sol français partagé en une multitude de petites propriétés et chaque citoyen propriétaire de son petit terrain qu'il serait libre d'exploiter comme bon lui semble.”)

Sobre essa questão, Hébert apenas reproduz de forma fidelíssima as preocupações da *sans-culotterie* que a noção de sans-culottismo de Soboul descreve com precisão.

Seu posicionamento frente à polêmica questão da propriedade deixa explícita sua ligação com a mentalidade que esteve por trás do sans-culottismo e do jacobinismo, na qual o econômico não era um valor em si. Ao contrário, estava submetido a uma hierarquia de valores muito mais complexos, os quais, para uma época marcada pelo individualismo e por relações pessoais cada vez mais mercantilizadas como a nossa, parecem já se ter perdido de vista. Como Robespierre, Hébert afirmava: “La première propriété, c’est l’existence”³⁷, dando a entender implicitamente que a propriedade é um direito, certamente, mas subordinado a um direito maior do cidadão, o direito à existência. E o Père Duchesne insiste nisso: “j’entends toujours prêcher le respect pour les propriétés; cela est bel et bon; mais la première propriété, n’est-ce pas l’existence? Est-il une autorité dans le monde qui puisse nous la ravir? La terre, comme l’air et l’eau, appartient à tous les hommes”³⁸.

O *grand marchand de fourneaux*, entretanto, faz questão de afirmar que não é contra a propriedade. As duas principais formas de propriedade do Antigo Regime, a propriedade agrícola e a propriedade de empresas comerciais, são admitidas, desde que não contrariem o direito à existência.

Como chegar a um acordo entre essas duas tendências aparentemente contraditórias no processo de formação da sociedade capitalista, onde a concentração da propriedade é uma tônica e as garantias mínimas de sobrevivência são relegadas ao segundo plano? Como já comentamos em outra oportunidade, o sans-culottismo, e mesmo o jacobinismo, pretenderam solucionar esse dilema fazendo uma defesa explícita justamente da pequena propriedade artesanal e camponesa.

Lado a lado com a defesa do pequeno comércio, aparece a defesa da pequena posse camponesa. A extensão do número de pequenas propriedades camponesas não deve ser feita através da “lei agrária”, da qual Hébert não é um defensor, como, de resto, a quase totalidade dos revolucionários. O Père

37. Le Père Duchesne. Nº 273, pg. 7. (“A primeira propriedade é a existência.”)

38. Le Père Duchesne. Nº 289, pg. 2. (“eu escuto sempre pregarem o respeito pelas propriedades; isso é verdade; mas a primeira propriedade não é a existência? Existe uma autoridade no mundo que nos possa usurpá-la? A terra, como o ar e a água, pertencem a todos os homens.”)

Duchesne salienta que ele não prega “[...] ce que les beaux esprits appellent la loi agraire”³⁹. Ele justifica tal posição utilizando a idéia ingênua de que a divisão de todas as terras somente permitiria um pequeno pedaço de terra para cada um, o que não garantiria a sobrevivência de ninguém. Porém, a rejeição da reforma da base fundiária através de uma lei agrária é manifestação das inúmeras contradições a que estava preso Hébert, assim como boa parte dos revolucionários, pois ele, apesar dessa rejeição, insiste na criação de pequenas propriedades rurais como uma forma de solucionar os problemas de abastecimento e de democratizar as estruturas sociais e políticas da França. Para isso não pregará a utilização da lei agrária, mas de outros procedimentos que, na verdade, repetem, em parte, a natureza daquela lei.

Antecipando-se ao espírito dos “decretos do ventoso”, ele exige que “[...] tous les biens nationaux soient vendus en petites portions; que l’on cesse de mettre tous ses oeufs dans un panier; qu’on divise les grandes terres, en louant à une douzaine de fermiers, celles qui ne sont cultivées que par un seul”⁴⁰. Prosseguindo nessas antecipações, ele afirma: “Décretez foudre, que tout propriétaire qui n’aura pas fourni à la république une quantité de bleds proportionnée au produit de ses terres, sera dépouillé de sa propriété et que ses champs seront partagés entre tous les sans-culottes qui ont de bons bras, et qui n’ont pas un sillon à labourer”⁴¹.

As citações acima são de números do verão de 1793, no momento da disputa jornalística de Hébert com os *Enragés* pela clientela de Marat. Porém, essas idéias de Hébert sobre a estrutura fundiária não podem ser debitadas a uma suposta “evolução”, pois ele continuará a defendê-las até as vésperas do seu desaparecimento. Em 13 de fevereiro de 1794, o Père Duchesne proclama:

39. Le Père Duchesne. Nº 198, pg. 6. (“[...] o que os belos espíritos chamam a lei agrária.”)

40. Le Père Duchesne. Nº 279, pg. 7. (“[...] todos os bens nacionais sejam vendidos em pequenas porções; que se cesse de concentrar a riqueza em poucas mãos; que se divida as grandes terras, alugando a uma dezena de agricultores, aquelas que são cultivadas exclusivamente por um só.”)

41. Le Père Duchesne. Nº 289, pg. 7. (“Decrete, porra, que todo proprietário que não tenha fornecido à república uma quantidade de trigo proporcional ao produto de suas terras, será despojado de sua propriedade e que seus campos serão divididos entre todos os sans-culottes que têm bons braços, e que não têm um pedaço de terra para cultivar.”)

Que l'on commence donc par balayer toutes les autorités constituées, qu'on en fasse sortir le restant des immondices de l'ancien régime. Pour tuer d'un seul coup l'aristocratie fermière et marchande, que l'on divise toutes les grandes terres en petites metairies, elles en seront mieux cultivées, et, foutre, nous n'aurons pas tous nos oeufs dans le même panier.⁴²

Vemos como Hébert nitidamente percebe a natureza das clivagens sociais que estavam por trás do processo revolucionário e a importância existente num programa de distribuição de terras. Não se trata de fazer acusações morais de facciosismo ou partidarismo, mas sim de remeter ao campo social os fundamentos do conflito revolucionário. Ele liga claramente as autoridades constituídas à “nova aristocracia” fundiária e mercantil. Pode-se imaginar a reação dos robespierristas a esse número!

Outro fato importante a se ressaltar é que, às vésperas dos “decretos do ventoso”, podemos ver que sua agenda social é mais ampla que o espírito desses decretos, ao defender ousadamente a divisão das “grandes terras”, mesmo aquelas que não pertencem aos contra-revolucionários ou emigrados, princípio que não estará previsto nesses decretos, e a venda dos bens nacionais somente em pequenas parcelas⁴³. Pode-se acusar Hébert de ser ultra-revolucionário, mas não de adepto das idéias jacobinas em matéria social.

Toda essa crítica às estruturas sociais do século XVIII faz parte da nova moral revolucionária que, conforme Gérard Walter, “[...] tinha proclamado que a felicidade somente existia no trabalho e na virtude”⁴⁴. Daí a definição da pátria ideal como o lugar onde se valoriza a indigência em detrimento da riqueza, o trabalho em detrimento da preguiça, e, fundamentalmente, o

42. Le Père Duchesne. N° 345, pg. 6. (“Que se comece pois a se desembaraçar de todas as autoridades constituídas, que se faça sair o restante das imundícies do antigo regime. Para matar de um só golpe o aristocrata fazendeiro e mercante, que se divida todas as grandes terras em explorações a meia, elas serão mais bem cultivadas, e, porra, nós não teremos toda nossa riqueza em uma só mão.”)

43. Le Père Duchesne. N° 345, pg. 6.

44. WALTER, Gérard. Opus cit. Pg. 288. Walter quase transpõe na íntegra o texto do Hébert: “le bonheur n'existe pas dans toutes ces foutaises [*palácios, cavalos, lacaios*], mais dans le travail et la vertu”. Père Duchesne. N° 273, pg. 2. (“a felicidade não existe em todas estas besteiras [*palácios, cavalos, lacaios*], mas no trabalho e na virtude.”) (“[...] avait proclamé que le bonheur n'existait que dans le travail et dans la vertu.”)

trabalho por conta própria em detrimento do trabalho assalariado: “Point de bonheur sans le travail et l'égalité”⁴⁵. Este ideal vai além de uma espécie de nostalgia idílica, bem ao gosto dos ávidos leitores do autor do *Contrat*.

Numa característica estilística do Père Duchesne, o diálogo, o *marchand de fourneaux* pergunta a um *gros richard*: “[...] si nous autre, ouvriers et manoeuvres, nous mettions tous notre tête dans un bonnet pour ne changer le fruit de notre travail que contre celui du travail d'un autre homme?” E ele mesmo responde: “A votre tour, vous seriez le gueux, à votre tour vous nous baiseriez le coude pour avoir de quoi subsister [...]”⁴⁶.

Falando a propósito da cidade de Lyon, sob domínio da contra-revolução, o Père Duchesne se regozija com os bombardeios que já estavam destruindo essa cidade e pede aos “*braves sans-culottes*” para “[...] ne régretez pas les richesses que les flammes dévorent [...]”, pois apesar de ser “[...] le fruit de vos sueurs et de votre sang”, não era “[...] pas pour vous que vous aviez tissu toutes ces riches étoffes”⁴⁷. E por que não devem temer os *sans-culottes* de Lyon? Por que “vos bras vous resteront” e todas as cidades que se mantiverem fiéis à república “[...] vous recevront comme de frères”⁴⁸. O Père Duchesne finaliza esses conselhos afirmando que nessas cidades os *sans-culottes* formarão “[...] de nouveaux ateliers, vous travaillerez à votre compte. Tout le produit de vos arts, de vos métiers, vous appartiendra.”⁴⁹ A Revolução preconizada pelo Père Duchesne permitiria aos *sans-culottes* realizarem uma de suas grandes reivindicações, a saber, poderem continuar ou voltar a trabalhar por conta própria e ter a plena posse do produto do seu trabalho.

45. Le Père Duchesne. N° 297, pg. 7.

46. Le Père Duchesne. N° 198, pg. 4. (“se nós, artesãos e operários, nos puséssemos de acordo para somente trocar o fruto de nosso trabalho por aquele do trabalho de outro homem?” “Por vossa vez, vós seríeis o mendigo, por vossa vez vós nos beijaríeis o pé para ter do que subsistir [...]”.)

47. Le Père Duchesne. N° 279, pg. 2. (“bravos *sans-culottes*” “[...] não sofrer pelas riquezas que as chamas devoram [...]” “[...] o fruto de vossos suores e vosso sangue” “[...] para vós que vós tínheis tecido todos esses ricos panos.”)

48. Le Père Duchesne. N° 279, pg. 3. (“vossos braços vos restarão” “[...] vos receberão como irmãos.”)

49. Le Père Duchesne. N° 279, pg. 3. (“[...] novas oficinas, vós trabalhareis por vossa conta. Todo o produto de vossas artes, vossos ofícios, vos pertencerá.”)

Era essa a expectativa quase utópica perante a Constituição do ano II. Conforme o Père Duchesne, “os sans-culottes y trouveront leur compte, car cette constitution toute fondée sur la liberté et l'égalité, les mettra dans l'indépendance des riches et leur assurera du travail et des subsistances”⁵⁰.

A valorização do trabalho, cerne dessa nova moral revolucionária, desemboca logicamente na reivindicação de uma política de emprego, na qual o papel do Estado não pode faltar. É neste sentido que o Père Duchesne pede “[...] que tous les citoyens soient assurés de trouver de travail et leur subsistance”, pois “la constitution le veut, la Sans-culotterie l'ordonne”⁵¹. Como solucionar tal problema? Expulsando os quadros considerados contra-revolucionários do exército e da administração pública e fazendo com que o Estado organize a produção dos bens necessários à manutenção dos exércitos revolucionários através de oficinas públicas. Para fornecer trabalho “[...] à tous les ouvriers, on ouvreroit des canots, on commenceroit des monuments publics [...]”⁵².

Outro passo importante almejado pelos *sans-culottes*, ligado intimamente ao seu projeto social, dizia respeito à instrução pública. Como já assinalamos, talvez as preocupações com o ensino tenham sido uma das reivindicações revolucionárias que maior alcance tiveram na história da França. Hébert, homem do seu tempo, imbuído do espírito do século das luzes, segundo o qual a educação era uma forma de diminuir as desigualdades sociais, ao mesmo tempo que garantia do progresso, não podia deixar de veicular a reivindicação de um projeto de instrução pública por parte do governo. Vem ao encontro disso, sua exigência de implementação do projeto de instrução pública de Michel Lepelletier, que, segundo ele, “[...] ne convient pas aux riches, mais il fera le bonheur des prauves qui n'ont besoin que d'instruction pour cesser de l'être [...]”⁵³.

50. Le Père Duchesne. Nº 249, pg. 6. Grifos nossos. (“os sans-culottes aí encontrarão sua satisfação, pois essa constituição, toda fundada sobre a liberdade e a igualdade, os colocará na independência dos ricos e lhes assegurará trabalho e subsistências.”)

51. Le Père Duchesne. Nº 268, pg. 8. (“[...]que todos os cidadãos tenham assegurado encontrar trabalho e sua subsistência” “a constituição o quer, a Sans-culotterie o ordena.”)

52. Le Père Duchesne. Nº 214, pg. 5. (“[...] a todos os trabalhadores, se abrirá de *canots*, se começarão monumentos públicos [...]”)

53. Le Père Duchesne. Nº 272, pg. 7. (“[...] não convém aos ricos, mas fará a felicidade dos pobres que apenas necessitam de instrução para deixar de sê-lo [...]”)

Como consequência também do espírito do século das luzes, o Père Duchesne afirmava que a ignorância era “[...] le plus grand malheur de l’homme [...]”, a causa de quase todos os crimes, como por exemplo, o despotismo, o fanatismo e a superstição.⁵⁴ Assim, a exigência de implementação de um projeto de instrução pública, da criação de escolas primárias, por parte de Hébert deve ser entendida no contexto de sua luta contra a Igreja, que teve no episódio da descristianização seu tempo forte e do qual os hébertistas foram os principais responsáveis.

O Père Duchesne repercutiu maciçamente a preocupação dos *sans-culottes* com a assistência pública e o apoio aos velhos e doentes. Saudando a Constituição montanhesa, ele pedia aos *sans-culottes* que a ela aderissem, pois o bravo “[...] bougre qui aura travaillé pendant sa jeunesse aura du pain cuit dans sa vieillesse; il sera nourri, habillé, logé aux dépens de la république”⁵⁵. Essas preocupações decorrem da menos mencionada das três divisas revolucionárias, a fraternidade. A fraternidade tem também a função de equalizar as condições sociais, ao garantir a assistência aos desvalidos da sorte. Portanto, a república a que almejavam os *sans-culottes* deveria ser necessariamente fraterna. Ela teria de cuidar de todos, inclusive, e principalmente, dos *sans-culottes* dos exércitos. Uma das reivindicações populares mais comuns foi a preocupação com os soldados feridos e suas esposas e filhos. Conforme o Père Duchesne, a república “[...] prendra soin de vous [dos soldados feridos]; si vous mourez au champ d’honneur, foutez, vos femmes, vos enfans seront sous la sauve-garde de la sans-culotterie; elles ne manqueront de rien. Voilà, braves guerriers, la promesse de la montagne [...]”⁵⁶.

Vemos, assim, um conjunto expressivo de idéias sociais e econômicas que, evidentemente, não estavam amarradas em um plano lógico que pudéssemos chamar de programa. Porém, elas claramente demonstram a identidade de Hébert/Père Duchesne com o *sans-culottismo* e seus conteúdos, em particular no que diz respeito à economia dirigida como solução para a crise econômica.

54. Le Père Duchesne. Nº 349, pg. 1-2. (“[...] o maior mal do homem [...]”)

55. Le Père Duchesne. Nº 246, pg. 6-7. (“[...] camarada que terá trabalhado durante sua juventude terá pão em sua velhice; ele será alimentado, vestido, alojado às expensas da república.”)

56. Le Père Duchesne. Nº 246, pg. 8. (“[...] dará assistência a vós; se vós morrerdes no campo de honra, porra, vossas mulheres, vossas crianças estarão sob a salvaguarda da *sans-culotterie*; não lhes faltará nada. Eis, bravos guerreiros, a promessa da *montagne* [...].”)

Bibliografia

- BARNY, Roger. *Rousseau dans la Révolution*. Paris, XVIIIème siècle, Pp.59-98, 1974.
- COQUARD, Olivier. *Marat, o amigo do povo*. São Paulo, Scritta, 1996.
- FURET, François. *Pensando a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- GUILHAUMOU, Jacques. *Dater le Père Duchesne d'Hébert (juillet 1793-mars 1794)*. Paris, Annales historiques de la Révolution Française, pp. 67-75, 1996.
- HÉBERT, Jacques-René. *Le Père Duchesne (1790-1794)*. Paris, EDHIS, 1969. 10 vol.
- . *Le Père Duchesne*. Paris, Société de l'Histoire de la Révolution Française, 1938. Edição crítica organizada por François Braesch.
- HIGONNET, Patrice. Sans-culottes. In: FURET, François e OZOUF, Mona. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
- HOBBSAWN, Erich J. *Ecos da Marselhesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- LABROUSSE, Ernest. O século XVIII. In: CROUZET, Maurice. *História geral das civilizações*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
- MATHIEZ, Albert. *La vie chère et le mouvement social sous la Terreur*. Paris, Payot.
- WALTER, Gérard. *Hébert et le Père Duchesne*. Paris, J.-B. Janin, 1946.